

## AS PROGRESSIVAS MUDANÇAS DA FILOSOFIA HINDU

Pelo Dr. L. Mukherjee, Professor de Educação na Lucknow University, Índia, e Perito em Pesquisas Educacionais da UNESCO, trabalhando presentemente no Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo, Brasil.

Tradução de Roberto Moreira.

### Capítulo I: A Filosofia nos Primeiros Tempos

#### 1. Por que um estudo da Filosofia Hindu é historicamente tão importante ?

Uma questão que, naturalmente, pode vir à mente de um principiante no estudo da Filosofia Hindu ou no estudo de qualquer filosofia é a seguinte: por que eu devo estudar esta filosofia ? Talvez a questão não seja tão importante com relação à Índia. Aproximadamente um sétimo da população total do globo é habitante da Índia e cerca de oitenta por cento dos habitantes da Índia professam a religião hindu. Além disso, existem ainda doze milhões de hindus no Paquistão e um pouco em outros países, principalmente na África e no Sudeste da Ásia. O total da população hindu do globo é aproximadamente de doze e meio por cento (1/8). A filosofia que guiou as ações e que ainda controla os modos de vida de tão grande porção da humanidade é naturalmente um assunto ao qual o resto do mundo não pode ficar indiferente. Mas há algo mais no Hinduísmo; não é uma seita regular, ou crença, ou uma forma definida de ritual, como outras religiões do mundo. O Hinduísmo é um modo de vida, uma filosofia que se estende além dos rituais e costumes de diferentes tipos, que une todas as pessoas. A filosofia dos hindus não é monopólio de poucos eruditos, mas é propriedade de todos, do rico e do pobre, do letrado e do ignorante. E esta é a condição alcançada não somente hoje, quando as campanhas de alfabetização são tão comuns; esta é a herança que sobrevive através dos séculos e mesmo através dos milênios. Outro aspecto importante desta filosofia ou modo de vida que nós chamamos Hinduísmo é que, com exceção de pequenas mudanças, a corrente comum de pensamento permaneceu em todos esses anos. A Índia hindu, certamente, não é somente o país da Antiga Civilização. Os Egípcios do vale do Nilo, os Fenícios da Ásia Menor, os Gregos e os Romanos do Mediterrâneo, os Assírios e os Babilônios do Iraque, os Persas do Irã e os Chineses eram, certamente, tão velhos quanto os hindus. Mas a maioria dessas antigas civilizações morreu e não há vínculo entre a civilização do passado e os povos que aí residem hoje. Os antigos Egípcios, de nenhum modo se assemelham aos modernos habitantes do vale do Nilo, nem os Fenícios

se assemelham aos Turcos da Ásia Menor. Os Gregos e Italianos modernos são diferentes dos antigos Gregos e Romanos como são os modernos Iraquianos diferentes dos Persas Assírios ou os modernos Iranianos diferentes dos Persas.

Olhando para o Novo Mundo, vemos que as mais antigas civilizações dos Maias ou dos Incas, ou dos Aztecas e dos Tapuias, ainda que de origem muito posterior, talvez tenham desaparecido completamente, não deixando traços. Contrastando com essas, somente duas das antigas civilizações sobreviveram: a dos Chineses e a dos Hindus. Em ambos os países a herança de milênios tem enriquecido as tradições. Mas há uma diferença fundamental, pois a filosofia dos Chineses, por ser conservadora, tem sofrido muito poucas mudanças desde o dia em que a filosofia Budista foi importada da Índia, mais ou menos há dois mil e duzentos anos e foi sobreposta à estrutura social baseada nas doutrinas do sábio Chinês Confúcio e na prática do Taoísmo. Sé recentemente, talvez o materialismo dialético pregado por Karl Marx fêz algum ingresso na China e muitos Chineses tornaram-se comunistas. O que quero dizer é que, embora tão antiga, a filosofia chinesa ganhou muito pouco com o contato com outras civilizações e, além do mais, escrita numa caligrafia que é tão difícil para os outros compreenderem - na, foi conservada como possessão exclusiva de uma minoria e não se tornou possessão comum das massas, que simplesmente praticavam certos rituais sem saber porque os praticavam.

Em oposição a isto, a filosofia hindu passou, pelo menos, por dez estágios de evolução, nos quais não houve nem completas extinções e substituições, como aconteceu com as antigas civilizações ao redor do Mediterrâneo e em outros lugares, e nem estagnação, como foi o caso dos chineses.

Se observarmos cuidadosamente, veremos que a filosofia hindu passou por dez estágios distintos de evolução e mudanças. Discutiremos essas mudanças uma a uma.

## 2. A Filosofia Hindú do Período Védico (2500 A.C. - 1500 A.C.)

Embora a Índia fôsse habitada muito antes da chegada dos Arianos, marcamos o início da filosofia hindu, mais ou menos, em 2500 A.C., quando o primeiro Vedas foi escrito. A civilização primitiva da Índia era provavelmente de origem Drávida. As ruínas de uma antiga civilização do vale do Indus, encontrada em Mahenjadaró e Harrapa, ambos no Paquistão, eram 1000 anos mais velha, mas temos muito poucas marcas dessa civilização, exceto e que as ruínas nos mostram. A tradição pré-ariana, a cultura Drávida, parece ter sido completamente esquecida e nos achamos hoje, em relação a essa civilização, como talvez se achem os turcos em relação aos fenícios, ou os modernos habitantes do Perú em relação aos Incas.

No período védico, os imigrantes arianos estabeleceram-se, em sua

maioria, no fértil vale Indo-Gangetic, que constitui a maior parte do Norte da Índia. Eram agricultores e possivelmente, nos primeiros tempos, usaram cavalos para o transporte e o gado para a agricultura. Adoravam a natureza e como o céu ao Norte da Índia é claro, na maior parte do tempo, tornaram-se muito observadores das estrélas. Naturalmente começaram a distinguir diferentes constelações de estrélas e também ver que somente quando uma certa constelação chega a um determinado lugar no céu, numa certa época do ano, é que a chuva cai, e começa a prosperidade agrícola. Se colocados em outra região, esta descoberta não teria sido possível; mas na Índia, onde a chuva começa em junho, quando a constelação do Capricórnio surge no poente, e essa chuva é mais abundante quando Aquário aparece no poente, o estabelecimento da relação dos astros com o destino geral da população agrícola não poderia deixar de ser uma consequência natural. Daí, desde os tempos primitivos, os hindus tornaram-se fatalistas e crentes no que é conhecido como Astrologia. Tivessem os Arianos se colocado num clima mais imprevisível, como aquêle de New England, nos E.U.A., ou de São Paulo, no Brasil, talvez não tivessem sido tão fatalistas e crentes no poder dos astros para predir o destino. Diferentes dos Drávidas que pareciam acreditar em árvores, cobras ou coisas semelhantes, os Indo-Arianos adoravam as forças da natureza. Entretanto, houve uma evolução gradual na crença, que se observa ao lermos o primeiro Veda, o Rig-Veda, até o último, o Sam-Veda. A evolução revela a marcha do espírito humano, que começou pelas forças da natureza semi-personificadas, como o fogo, o vento e a chuva, até um divino absoluto, que foi a força primeira na criação. A filosofia não tinha, ainda, sido transformada numa doutrina de um Deus, ou Monismo, mas foi visto que, de uma diversidade de muitos deuses, os poetas religiosos foram gradualmente procurando uma unidade ou absoluto. Talvez não houvesse concordância em relação à qual das forças personalizadas da natureza deveria tomar o lugar do absoluto ou supremo. Enquanto um poeta exaltava um deus como supremo, ignorando a posição de outros deuses, havia poetas que consideravam outro como absoluto. Embora tenha chamado isto de "Henoteísmo", Maxmuller, o grande estudioso alemão da Indologia, distinguia dois grandes benefícios resultantes disto: a) Em primeiro lugar, deu lugar a uma força, sem forma definida, Aditi, sendo o henoteísmo o prelúdio do monismo; b) Durante este tempo, os diferentes poetas consideraram diferentes deuses como o supremo, não havendo contudo duras controvérsias em relação a isto. Desde tempos mais antigos, os hindus aprenderam a tolerância das diferenças religiosas e esta tolerância foi a única da Índia que não se encontra na maioria das religiões do mundo antigo e medieval. O mundo aprendeu a tolerância religiosa só recentemente, mas a

Índia praticou-a desde os tempos antigos.

Outro ponto que merece ser considerado neste período é a compreensão da idéia do ciclo da natureza. Já foi feita menção relativa à regularidade com que cheve na Índia, em virtude das monções. Foi também mencionado que isto deu lugar à crença na Astrologia, baseada no estudo dos astros. Mas, observou-se muito mais no decorrer das estações: o reaparecimento da mesma planta, após um intervalo definido de tempo, dependendo da estação de seu crescimento e da sua ceifa. O poeta hindu estendia também esta idéia à existência humana e sustentava que o espírito humano passava por um período de <sup>tr</sup>nsição, de uma vida para outra. Em outras palavras, a idéia de renascimento foi uma consequência natural desta observação de seqüência na vida das plantas.

Assim, no período Védico encontramos quatro elementos fundamentais da tradição hindu:

i) Crença nos Astros e conjunção de astros, como determinantes de nosso destino.

ii) Emergência gradual do monoteísmo, advindo do henoteísmo.

iii) Emergência de um espírito de tolerância para com as diferenças de credo religioso permitindo assim a coexistência de tôdas.

iiii) Crença na transmigração dos espíritos, como um caso similar ao ciclo encontrado na natureza, tal como acontece com as plantas ou as estações do ano.

### 3. A Filosofia Hindu do Upanishad ou Período Cético. (1500 A.C. - 550 A.C.)

Enquanto o período Védico se estende, aproximadamente, de 2500 A.C. a 1500 A.C., o período do Upanishad se estende de 1500 A.C. a 550 A.C.. Além dos Upanishads, este período testemunhou o nascimento de dois grandes épicos: Ramayana e Mahabharata.

O aspecto mais característico d'êste período é o crescente ceticismo e a falta de crença na autoridade. Os sábios que escreveram os Upanishads certamente duvidavam da existência de um criador. Para êles havia uma grande falta de lógica pensar nos seres humanos como responsáveis pelas ações individuais, se somos exatamente como autômatos, feitos por um Criador supremo. Argumentavam que se houvesse um Almighty, naturalmente seria êle o responsável por tôdas as ações boas ou más. Mas resignar-se a esta filosofia, seria tirar a iniciativa do homem individual e isto seria talvez um valor social negativo. Dêste modo, pela primeira vez na história da raça humana, uma onda de ceticismo (dúvida) coexistiu com a velha crença no teísmo, que muitos seguiam. Para os sábios céticos, estamos obrigados à doutrina do Karma. O mais agnóstico espírito dentre os filósofos hindus faz o ho-

mas individual responsável por sua salvação, mas esta salvação há de convir com as velhas idéias de ciclo ou renascimento concebido no período Védico. A salvação era, portanto, uma vida melhor, a ser levada após esta. Igualmente, a punição para as más ações seria uma vida pior, posteriormente. Nisto o filósofo hindu encontraria a razão de algumas pessoas prosperarem neste mundo sem muito esforço, enquanto outras nascem infelizes e sofrem a vida toda, sem ganhar algo pelo seu esforço. As primeiras eram felizes devido às suas boas ações na vida passada, enquanto as últimas sofreram pelas suas más ações da encarnação (vida) anterior.

A doutrina do Karma foi desenvolvida pelos mais agnósticos espíritos, entre os filósofos hindus, mas sua explicação racional preocupou a todos, e, conseqüentemente, se tornou uma crença hindu sustentada universalmente.

Foi, talvez, da teoria do Karma que surgiu o sistema de casta, uma das principais instituições hindus, que tem sido muito criticada. O sistema de casta não se desenvolveu de repente, mas por estágios. A divisão da sociedade, de acordo com as profissões, iniciou-se muito cedo. A principal classe em número, era constituída pelos agricultores, mas alguns se empenharam em comércio e profissões relacionadas com a agricultura, como os carpinteiros e ferreiros, que faziam o arado de madeira e forjavam o metal do arado respectivamente. Existiam ainda os soldados para defender os campos dos agricultores e o líder entre eles tornou-se o governante; finalmente, haviam pessoas que interpretavam a lei e que ensinavam aos mais jovens. Como era comum, vieram a constituir a classe sacerdotal e ocuparam lugar proeminente na sociedade, pois os reis recebiam conselhos dos sacerdotes ou Brahmins. Talvez fôsse uma característica não muito rara no mundo antigo, e em outros países também, o fato de a realeza estar subordinada à classe sacerdotal. A classe militar dos guerreiros e governantes veio a ser a segunda em prestígio social; e a terceira era constituída por agricultores e produtores. Mas, gradualmente, esta subdividiu-se em duas classes distintas: uma incluiu os agricultores, os comerciantes e artesãos com uma certa quantidade de prestígio social e a outra formada pelo grupo inferior dos artesãos, que estavam ligados a trabalhos úteis e, entretanto não eram altamente considerados.

Vem agora a questão do treinamento para essas profissões. Certamente cada profissão necessitou de um modo diferente de preparação e treinamento, donde a seleção para cada profissão ter sido feita muito cedo. A história dá outro exemplo de outro grande filósofo, não nascido na Índia, que sentiu a necessidade de dar cursos separados para os diversos indivíduos, que iriam assumir diferentes papéis. Este filósofo foi Platão, na Grécia. Mas, enquanto Platão teve que usar um processo elaborado de edu-

cação para selecionar os indivíduos que iriam desempenhar diferentes funções, os sábios hindus fizeram um atalho, utilizando-se do estudo da Astrologia. Não é meu propósito defender a Astrologia, que é quando muito uma pseudo-ciência, ou dizer que o método de seleção dos sábios hindus era mais correto, mas, justamente, dizer que, em termos da teoria dos astros, e do desenvolvimento da teoria do Karma, esta divisão de profissões pelo estudo da posição dos astros, na época do nascimento da criança (que é conhecido como o estudo dos Horóscopos), foi o método que se apresentou como o mais racional e coerente com o "background" dos sábios daquela época. Conseqüentemente, era no tempo do nascimento de uma criança, de acordo com a posição dos astros então prevalecente, que se podia predeterminar a vida profissional futura da criança. Com o tempo isto foi modificado. Quando os Arianos começaram a conquistar as ricas terras da Índia Peninsular, tiveram o problema de como proceder com a população Drávida vencida. Nesta época, a quarta ordem, que continha profissões e carreiras que conduziam a ocupações úteis, ainda que envolvessem tarefas <sup>consideráveis</sup> desprezíveis, foi delegada aos vencidos, especialmente no Sul. Dêste modo, no Sul Peninsular as profissões foram determinadas de dois modos: as três profissões mais elevadas foram reservadas aos vencedores, e estas profissões seriam determinadas pela posição dos astros na época do nascimento de uma criança, enquanto a quarta ordem ficou para os Drávidas vencidos e era determinada pela raça a que pertencia a criança. Isto deu lugar à separação dos hindus do sul em dois grupos raciais e contribuiu para que esta diferença de casta levasse ao que se conheceu depois como o problema da intocabilidade, pelo qual a Índia toda é considerada culpada. Ao Norte, onde este problema da existência de duas raças foi resolvido há muito tempo talvez não tenha havido este problema. Mas, posteriormente, o método simples de determinar a casta pela família substituiu as previsões astrológicas, a serem feitas em cada caso. Esta foi a época em que famílias separadas da terceira ordem dos artesãos hábeis, desenvolveram negócios secretos, como uma espécie de tradição de família, o que era uma prática comum também em outras partes de mundo. Assim, em toda a Índia, com o correr dos tempos, tornou-se uma prática comum, dentro do sistema da casta ou estratificação permanente em quatro classes, a determinação da casta, não pelas previsões astrológicas individuais na época do nascimento, mas pelo tipo de família dentro da qual a criança havia nascido. A Índia hindu foi assim dividida em quatro castas: os sacerdotes e os professores; os guerreiros e os reis; os artesãos hábeis e agricultores abastados; e a ordem mais baixa, dos artesãos menos habilitados, ligados a ocupações menos consideradas. Isto produziu alguns bons resultados, tais como: ajudou a especialização

em diferentes profissões, dando à criança as vantagens tanto da hereditariedade como do meio ambiente, assim como o treino inicial no informal ambiente familiar, e ajudou, talvez, a aumentar a solidariedade dentro da casta ou grupo, o qual não era apenas social, ou apenas econômico, mas sócio-econômico.

Em contraposição a essas vantagens, o sistema de castas teve também muitos inconvenientes. Em primeiro lugar, dividiu toda a sociedade em quatro camadas ou estratos, onde a passagem de um nível para outro era impossível. Consequentemente, a conduta de uma casta deixou de despertar o interesse nos membros da outra, e um dos resultados disto foi que a mudança dos direitos e da liberdade, sendo da alçada da casta dos guerreiros, deixou de ter qualquer interesse para os membros das outras castas. Dêste modo, as guerras foram duélos entre reis e príncipes, e o homem comum levava sua vida sem jamais se preocupar com o problema. O segundo mau efeito foi o de impossibilitar qualquer meio de melhora e escolha de profissões, de acordo com as aptidões individuais; já antes do nascimento de uma criança, era predeterminada sua futura profissão, em que grupo encontraria sua noiva e em que coisas deveria confinar seus interesses, no decorrer de sua vida. E por último, especialmente no Sul, e, talvez, em outros lugares, criou-se uma espécie de tensão e animosidade, especialmente nas castas mais inferiores. Em resumo, neste período, o sistema de casta tornou-se uma forma de ordem social.

Lado a lado com ceticismo ou dúvida expressa pelos filósofos agnósticos do Upanishads, haviam muitos que acreditaram na Divindade e, gradualmente, neste período, o Monismo foi dando lugar à trindade, isto é, o conceito de deuses separados para a criação, preservação e destruição. Isto, possivelmente, tenha sofrido alguma mudança e o deus da preservação, Vishnu, ganhou proeminência. Os pregadores hindús de Vishnu não pouparam seus deuses da responsabilidade de renascimento e dois dos grandes guerreiros dêste período, Rama e Krishna, como foram descritos em dois poemas épicos. Ramayana e Mahabharata, eram tidos como encarnações de Vishnu. Como Krishna, esta divindade aparece no Mahabharata e aconselha seu guerreiro favorito no sentido de levar sua vida com um espírito de resignado desinteresse. Esta nova idéia da Gita, a parte do Mahabharata que contém esta advertência, ocupou o pensamento de muitos filósofos por algum tempo e em essência significa que se deveria cumprir seus deveres neste mundo, como uma espécie de obrigação que Deus lhe deu para cumprir. Não deveria nem se exultar com o seu sucesso, nem ficar deprimido com o insucesso, pois ambos são predeterminados. Talvez esta tenha sido a verdadeira questão que o poeta americano Longfellow quis expressar, quando disse que nosso fim não é nem procurar o prazer, nem o sofrimento, mas apenas agir e progredir.

#### 4. Budismo dos Primeiros tempos e Kalpasutras. (550 A.C. - 200 A.C.)

Uma grande mudança ocorreu na Índia em meados do século V A.C.. Dois grandes pregadores, Buda e Mahavira, o fundador do Jainismo, revoltaram-se contra as tradições e costumes. Talvez, nesse tempo, a prática do sacrifício animal tenha aumentado ao extremo e não era mais possível tolerar a tortura dos pobres animais indefesos, em nome da religião. As duas crenças, Budismo e Jainismo, procuraram impedir esta crueldade, pela pregação do amor a todos os animais e pela prática da não violência durante a vida. Mas houve uma grande diferença entre as duas crenças: enquanto ambas eram contra o sacrifício animal, o Budismo não fazia objeção que seus adeptos comessem tais animais, desde que tivessem morte natural ou fossem mortos por outros animais. O Jainismo, por outro lado, pregou o vegetarianismo. Mas, em outros pontos, os seguidores Mahavira ou Jainas estavam mais próximos dos hindús do que os Budistas, ou seguidores de Buda. Este pregou que não há nada permanente na vida e que não há uma entidade imutável, subjacente a este mundo material. O mundo todo, como também o indivíduo, pode ser comparado a um fluxo constante, em que há mudanças na ação, atrás das quais não existe um agente. Em resumo, o Budismo é uma filosofia agnóstica, talvez uma sequência natural do ceticismo do Upanishads. Os Budistas, entretanto, seguem a lei do Karma e a transmigração do espírito, exceto que, enquanto a doutrina do Karma tem para o espírito uma recompensa final, a salvação ou União Divina, o agnóstico Budismo pregou o Nirvana, ou completo afastamento de todos os desejos; oferece um estado de descanso permanente. O Nirvana não significa uma condição positiva mas antes uma ausência de condição.

Mesmo em seu apogeu, nem todos os hindus do Norte aceitaram o Budismo e houve muita adesão à crença mais antiga. No Sul peninsular, o Budismo não penetrou muito além dos grandes planaltos. O Hinduismo neste período, ou Bramanismo, como foi chamado, tornou-se um pouco mais rígido e conservador. Pelo fim deste período, o prestígio do Budismo atingiu seu ponto mais alto e se difundiu como religião universal além da Índia, para Burma, Cambodja, Indochina, China, Japão e Indonésia.

Enquanto o Budismo ia se difundido, os hindus, mais conservadores, estavam ocupados na preparação das interpretações ou comentários dos grandes textos. Estes comentários e compilações foram conhecidos como Sutras; daí este período ser conhecido diferentemente como a época do aparecimento dos primeiros Budistas, ou, como também, a época do Kalpa-Sutra. Muito importante é o fato de ser a maior parte dos Kalpasutras constituída de acessíveis interpretações das grandes filosofias. Talvez os Brahmins tivessem compreendido os grandes erros que tinham cometido, não levando em consideração as massas, que nos últimos tempos tornaram-se Budistas em grande

parte; daí o fato de tornarem acessíveis os textos religiosos, para que todos compreendessem. É nesta época, talvez, que a filosofia deixou de ser um monopólio de uns poucos eruditos para se tornar propriedade do povo, muito embora tivesse que perder um pouco de sua abstração.

Outra inovação deste período foi a adoração do ídolo. Os antigos, hindus não tiveram ídolos; os templos que construíram eram lugares de sacrifício. Buda pregou uma filosofia abstrata de ética social que não necessitou da existência de um Deus material; na verdade o Budismo negou a existência de uma entidade imutável. Isto pode ter sido uma dificuldade para os seus seguidores, que necessitavam de um refúgio mais concreto; daí serem construídas as primeiras estátuas de Buda, que foi adorado como Deus. É uma ironia do destino o fato de que o homem que pela primeira vez, na Índia, negou a existência de um Deus, tenha sido elevado à posição de Divindade. Os ídolos de Buda, encontrados em Kandahar, no século terceiro A.C., foram talvez os primeiros ídolos adorados na Índia. Mais tarde nós vemos que o contágio da adoração de ídolos se propaga dos Budistas para os elementos hindus mais conservadores.

##### 5. O período do conflito entre o Hinduísmo e o Budismo (200 A.C. a 500 D.C.)

Após a queda do Império Muryan, cujos governantes foram poderosos protetores do Budismo e ajudaram a difusão da doutrina em terras estrangeiras do Oriente e Sudeste da Ásia, o Budismo sofreu um retrocesso. Esta foi a época em que, no Sul peninsular, o Hinduísmo mostrou renovada vitalidade e emissários hindus foram mandados do Sul da Índia para Burma, Tailândia e Camboja, para pregar a religião hindu, ao mesmo tempo que os Budistas. São indiscutíveis os sinais dos templos hindus construídos em Burma, em Ayuthia, na Tailândia e Camboja, que mostram a influência hindu. Muito embora as línguas desses países mostrem indiscutível influência Pali, que foi a língua falada pelo povo da Índia e na qual os textos budistas foram escritos, também mostram traços do Sânscrito, língua usada pelos eruditos hindus. Existem provas bastante evidentes da influência da Índia meridional na forma da linguagem. Esta se assemelha às do Sul da Índia, de dois modos: primeiramente, no alfabeto, aparece de maneira marcante a influência, e em segundo lugar na existência de três sons para cada vogal: curto, médio e longo; esta última é uma bem definida característica do Sul da Índia, muito diferente do Norte, onde somente são encontradas vogais de sons curtos e longos. Como a Índia Meridional professou sempre o Hinduísmo, podemos considerar a influência Sul indiana nessas terras como influência hindu, dirigida sobretudo para impedir a difusão do Budismo. A idéia de trindade, isto é, os deuses da Criação, Preservação e

Destruição, ganhou terreno neste período, mas outra vez houve a tendência de aparecer um dos três, principalmente entre os dois últimos, como o supremo. Aquêles que adoravam Vishnu, o deus da preservação, eram conhecidos como Vaishnavas e aquêles que adoravam Shiva, o deus da destruição, eram conhecidos como Shaivas. Esses grupos pregaram suas respectivas crenças, e daí podemos dizer que houve uma situação similar àquela do movimento dos Jesuítas na Europa, para impedir a expansão protestante, exceto que precedeu por dezesseis séculos o movimento post-Renascimentista Europeu. Houve um esforço nesse tempo para levar a religião até as massas. A forma abstrata anterior do não compreensível metafísico tomou uma forma popular mais concreta. Essa época foi uma continuação do período inicial, que começou com os Sutras ou comentários; a única diferença foi que os Sutras tiveram que ser modificados numa forma mais simples e mais facilmente compreensível pelo povo. Estes livros de religião popular, Puranas (os antigos textos) como eram chamados, originaram-se neste período e, por meio dêles, foram difundidas muitas histórias relativas às encarnações ou renascimentos do deus da preservação ou Vishnu. Dizia-se que Vishnu nasceu nove vezes nesta terra, na primeira veio na forma de um grande peixe e depois na forma de uma tartaruga, salvou o mundo, retirando-o do dilúvio.

Incidentalmente, a história do dilúvio existe em quase tôdas as religiões, e isto pode ser, talvez reminiscência da raça humana, que foi a última da era glacial. Mas a associação do deus da preservação com as duas formas primitivas de vida animal na terra, isto é, os peixes e os animais com casca (tartaruga) é uma coincidência como a teoria Darwiniana, que surge bastante.

Este foi um período de grande progresso matemático, como se pode ver pela evolução da álgebra, alcançada por Bhaskaracharya e pela primeira formulação de uma teoria heliocêntrica, por Arya Bhatta, no século terceiro D.C., que substituiria a teoria geocêntrica então prevalecente (embora não fôsse tomada sèriamente pelos outros eruditos da Índia). O estudo da astrologia, assim como o da Astronomia, floresceram naqueles tempos com Varah e Mihir, e, como um todo, êste período representou um restabelecimento das atividades dos sábios hindus, não sòmente em filosofia, mas em diferentes direções. Este período marca realmente o Renascimento hindu.

No final dêste período surge um novo culto, o da adoração de Shakti, a deusa mãe, que aparece como rival das duas seitas já existentes, Shaivas e Vaishnavas. O conceito de Shakti dá lugar ao aparecimento de novos escritos, denominados Tantras. Como os Puranas, êstes também procuraram simplificar o ensino religioso, mas, enquanto aquêles ensinavam com histórias, os Tantras eram mais ritualistas. O Tantra representa tanto e

lado bom, como o lado mau do poder divino e a salvação foi advogada por meio de rituais. Somente um grupo de hindus, os Shaktiyas, acreditavam nos Tantras. Se a prática dos rituais praticados pelos Tantras produziu os resultados maravilhosos esperados, não se sabe, mas o certo é que essa prática despertou uma certa preocupação no espírito daqueles que pertenciam a outras seitas que não os praticavam. Talvez fôsse essa ansiedade que é conhecida como Yogas. É muito difícil explicar em linguagem simples, e que são os Yogas, e pode ser que eu não seja bastante capaz de descrevê-los, devido à minha visão objetiva e puramente científica, que se baseia mais nos fatos do que em crenças e milagres. Mas tentarei expor seus princípios fundamentais.

É da experiência comum que qualquer pessoa fica cansada quando faz um trabalho desagradável por algum tempo, enquanto que, não sente nenhuma fadiga, física ou mental, quando está empenhada num trabalho agradável. Se temos que ler um livro de matemática durante uma hora, mesmo que fiquemos sentados na posição correta, sentimos-nos fisicamente cansados. Mas, podemos ficar durante horas, na mesma posição, lendo uma interessante novela, sem sentir qualquer fadiga física. Onde está a diferença? Bem, está na emoção ou sentimento que temos. Nós podemos concentrar nossas energias, físicas como também mentais, numa tarefa que nos agrada e por esta razão não sentiremos quaisquer efeitos posteriores. O princípio do Yoga depende desta concentração de todas as nossas energias numa direção. O termo Yoga, realmente, significa uma soma. As forças do indivíduo, físicas e mentais, são somadas para alcançar o resultado desejado. No seu apogeu, pretendia-se que as práticas do Yoga levassem a resultados mais miraculosos do que aqueles que se acreditava poder conseguir dos Tantras; em que extensão exageraram a questão é difícil dizer.

Um ramo dos Yogas conhecido como Hatayogas, limitou-se a desenvolver somente a parte relativa aos milagres do corpo. As pessoas que o praticam podem não sentir dor quando um estilete quente é enfiado em seu corpo, ou quando elas andam sobre o fogo. Podem também beber veneno e permanecer muito tranquilos; podem parar sua respiração por muito tempo e ainda se mostrar inalterados. Eu mesmo vi pessoas andando sobre o fogo e um Hatayogi bebendo quantidades mortais de veneno, em 1932. Não posso explicar como isto acontece. Posso, naturalmente, compreender que, por uma série de exercícios físicos, se possa tornar os nervos menos sensíveis à dor e, em consequência, a pessoa possa não sentir as dores quando anda sobre o fogo; talvez se possa da mesma maneira prevenir as cólicas que se seguem à ingestão de veneno. Mas como se pode evitar os ferimentos ou a absorção gradual de veneno pelos músculos involuntários do estômago, o que resultaria na morte, é uma coisa que está além da minha compreensão. Em nível menos elevado, os Yogas foram usados na cultura física e isto é mi

to compreensível, porque ela é levada a desenvolver boa saúde e bom físico, como também dar uma certa habilidade em algum sentido. A cultura física Yogi tem a vantagem adicional de dar ao praticante a coordenação de uma prática física prolongada, com uma cooperação mental e uma satisfação emocional.

Seja como fôr, lado a lado com o renascimento hindu, o Budismo e o Jainismo também coexistiram. Mas enquanto o Jainismo existiu como uma seita dos hindus que pregou o amor aos animais e que advogou o vegetarianismo, o Budismo foi um culto completamente separado, muito poderoso, tanto no Nordeste como no Noroeste da Índia; mas, na mais populosa planície do Centro-Norte da Índia, como também no Sul Peninsular, o Hinduísmo estava em ascensão.

Uma nova onda de filosofia hedonística defendida por alguns dos sábios deste período, como Charvak, também prosperou entre o segundo e o quarto século D.C. Eles foram chamados filósofos Lokattya, e acreditavam somente naquilo que percebiam com seus sentidos. Naturalmente eles não podiam acreditar na existência de um Deus e assim foram levados ao ateísmo extremo. A evolução dos filósofos Lokattya, deste período, foi antes de tudo um completamente do processo que se iniciou com os Upahishads; enquanto estes eram céticos, os Budistas eram agnósticos e os filósofos Lokattya eram ateus. Pode ser que, em outros países, tivessem sido queimados como heréticos, mas os filósofos tolerantes e líderes religiosos permitiram-lhes a prática de sua teoria, até que descobriram o defeito de sua teoria hedonística, que, levada ao extremo, transgredia os padrões éticos e levava ao egoísmo, opondo-se daí aos princípios elementares de ética social. Foi pela discussão e argumentação, antes que pela força, que os filósofos Lokattya foram banidos da Índia. Assim, o período terminou com três formas de Hinduísmo, com os Tantras e Yogas, com o Jainismo e Budismo, todos concentrados em fortes correntes.

Lalitkumar Mukherjee

## AS PROGRESSIVAS MUDANÇAS DA FILOSOFIA HINDÚ

Pelo Dr. L. Mukherjee, Professor de Educação na Lucknow University Índia, e perito em Pesquisas Educacionais da UNESCO, trabalhando presentemente no Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo, Brasil.

Tradução de: Roberto Moreira

### Capítulo II: Filosofia Medieval

O período medieval se estende de 50 d.C a 1750 d.C. Neste período o Hinduísmo primeiramente defendeu-se contra os Budistas e finalmente impeliu-o para fora da Índia. Isto significa duas coisas: em primeiro lugar, a natureza tolerante e acomodativa da Filosofia Hindú assumiu uma forma mais agressiva, insurgindo-se com outra religião para mostrar os defeitos da filosofia rival; - significa também a aceitação dos convertidos no Hinduísmo.

Depois de 1000 d.C, o Hinduísmo enfrentou um novo perigo resultante do desenvolvimento da religião Moslem. Realmente, a primeira colônia Arab foi estabelecida em Sindh no século oitavo, - sem, contudo, ter afetado o Hinduísmo.

Entre a religião Moslem e a cultura Hindú estabeleceu-se uma disputa, jamais verificada anteriormente. Os Moslens tinham uma cultura diferente da dos Hindús. Era mais democrática na esfera social e mais autoritária e dogmática na esfera religiosa. A religião Moslem era, além disso, mais proselitista e se considerava que fazer novas conversões era uma obrigação de cada Moslem; por este meio um número crescente de pessoas foi conduzido pelo caminho que eles acreditavam ser verdadeiro. Naturalmente, o indivíduo que está mergulhado na ignorância pode fazer objeção à conversão por que

não conhece os benefícios que derivam dela. É tarefa do verdadeiro crente neste caso usar a força para a conversão, se a persuasão falha.

Contra este perigo o Hinduísmo primeiramente procurou se guardar. A reação foi inicialmente defensiva e posteriormente ofensiva. Assim, todo o período de 550 d.C a 1750 d.C marca uma era de tentativa feita pelo Hinduísmo para assegurar sua sobrevivência. É marcado por dois períodos ofensivos: de 650 d.C a 1000 d.C, e de 1400 d.C a 1750 d.C, e por um período defensivo entre eles.

#### 7) - O novo Período Hindú (550 d.C a 1000 d.C)

O novo período Hindú se estende desde a morte do imperador Harsha até a conquista da Índia pelos Moslem. Hordas de invasores estrangeiros como os Sythians, Shakas e Huns que invadiram a Índia, antes desse período, abraçaram o Budismo e nesta religião foram facilmente absorvidos. O Hinduísmo atraiu-lhes muito pouco, pois baseado num sistema de castas de acordo com o nascimento da criança numa determinada família, impedia a promoção para um nível mais alto em qualquer empreendimento.

O aumento do número de Budistas convertidos foi um sinal de alerta aos líderes Hindús, especialmente no Sul da Índia. Lutaram com os Budistas fora da Índia, na Tailândia, Cambódia, em Burma, no Ceilão e Indonésia. Chegou agora o tempo de entrar ~~na~~ <sup>na</sup> ~~entre~~ <sup>entre</sup> a Índia. Dois grandes missionários do Hinduísmo, Kumarila e Shankara, começaram por atacar as práticas religiosas dos Budistas e mostrar as falhas de lógica que nela existiam. Enquanto Kumarila simplesmente criticou os Budistas, o gênio criador de Shankara desenvolveu uma nova filosofia, Maya ou ilusão, para fazer frente ao Budismo. Os princípios centrais do ensino de Shankara são os seguintes:

1º) - O absoluto eterno e impessoal é a única

realidade. Este foi o grande acrescentamento à filosofia agnóstica de Buda, que negou qualquer realidade permanente ou absoluta.

2º) - De acôrdo com Shankara, a realidade se nos apresenta em contínua mudança, razão pela qual nós podemos considerá-la com ilusão, ou Maya como foi chamada.

3º) - O espírito do homem é idêntico ao Espírito Superior. Shankara estabeleceu uma ponte de união entre o homem e Deus; o homem não é nem simples criação e nem é a imagem de Deus, mas é uma parte da Realidade ou Deus

4º) - Todos os nossos pecados e sofrimentos devem-se à nossa não realização dessa identidade. Esta é realmente uma nova interpretação da dedicação desinteressada a serviço de Deus, como era pregado no Gita.

Segundo o pensamento expresso no Gita, o indivíduo deveria trabalhar de uma maneira desinteressada, pois que o trabalho é considerado como sendo ordenado por Deus; na filosofia de Shankara há o mesmo espírito de desinterêsse, pois o indivíduo considera-se uma parte infinitésima, que deve satisfazer os fins propostos pela coletividade.

5º) - Somente o conhecimento pode iluminar o espírito e levá-lo à salvação. Isto foi realmente uma para-fase do ensinamento Budista; a única diferença foi que Shankara criticou

as práticas Budistas existentes, como originárias não do conhecimento mas de falta de conhecimento.

Enquanto a filosofia de Shankara expandiu-se no Norte, fustigando a doutrina Budista, no Sul não foi bem recebida, - porque havia a velha prática de adoração dos ídolos Vishnu, o deus da preservação, e Shiva, o deus da destruição. Esta foi realmente uma distorção da trindade, porque os respectivos adoradores consideravam a sua divindade como sendo a suprema.

No Norte, gradualmente, após a morte de Shankara, esta teoria de ilusão tornou-se difícil de ser seguida e foi substituída por rituais mais simples de adoração da Deusa Mãe ou Shakti, que estava na fonte da ilusão ou Maya. Dêste modo, a ilusão não permaneceu como algo abstrato, mas foi identificada com a fantasia criada por um Deus pessoal ou deusa, Shakti. Quando isto teve início, naturalmente os adoradores de Shiva e Vishnu também espalharam seus religiosos no Norte.

Neste tempo a adoração da imagem estendeu-se do Budismo ao Hinduísmo e os escultores fizeram belas imagens de suas divindades. Imagens de Vishnu, Shakti e Shiva existiram em grande número nos templos e muitas vezes a imagem de um deus supremo ou deusa era acompanhada pela presença de deuses e deusas de outras crenças. Era comum encontrar um templo onde à imagem de Vishnu - foi dado um lugar de honra, colocando-se Shiva em segundo plano - ou um templo onde Shakti ocupava o lugar proeminente e Vishnu ficava numa posição secundária. As maiores rivalidades dêste período se mostraram entre os adoradores de Shiva e Vishnu no Sul, e entre os adoradores de Vishnu e Shakti, no Norte. Os adoradores de Shakti não existiam em grande número no Sul, enquanto que no Norte parece que houve uma situação de compromisso entre os adoradores de Shakti e Shiva, que fizeram aquela a mulher dêste, o deus da des-

truição. Por êste meio conseguiram o poderoso apôio dado ao deus da preservação. Esses adeptos dos dois cultos argumentaram que a existência do animal é influenciada por Maya, ou ilusão; no fim, esta aos poucos, mas indubitavelmente, arrasta o indivíduo para a morte, que parece ser a única realidade para êste mundo mortal. Os adeptos dêstes dois cultos foram influenciados por um poema, escrito por Shankara, no qual êle comparou esta vida a uma delicada existência como a de gôtas de água que ficam nas pétalas da flor de lotus, prestes a cair a qualquer momento.

Durante êste período, no norte apareceu o problema do retorno dos Budistas ao Hinduísmo. Os adoradores de Vishnu e Shakti estavam interessados em fazer novas conversões, que lhes seria muito benéfico. Com o objetivo de atrair os Budistas cada um mudou um pouco as práticas religiosas. Os adeptos de Vishnu tiveram que mudar também um pouco, pois aceitaram Buda como uma encarnação, a nona encarnação, que dêste modo veio ser a mais recente forma assumida por Vishnu.

Os adoradores de Shakti agiram indiretamente. Apelaram a uma seita dos Budistas, chamada Mahayanas, que não acreditava nas doutrinas relativas ao celibato, pois concebia Buda - assistido por companhia feminina, que nos últimos tempos foi invariavelmente Tara. A ela eram endereçadas as súplicas dos adoradores de Shakti. Concebiam dez pré-existências de Shakti e identificaram uma dessas existências como sendo a de Tara. Assim, encontramos dois grupos de Budistas: os Hinayajanas que aceitavam o celibato e a vida ascética, e no norte da Índia foram identificados como os adoradores de Vishnu; o outro grupo deu a Buda a recompensa dos confortos físicos depois desta vida terrena e eram mais inclinados à adoração de Shakti.

Em resumo, encontramos três divisões principais em que se subdividiu o Hinduísmo em tôda a Índia: os adeptos de -

Shiva e Vishnu, no sul, e os adeptos de Shakti e Shiva, além daqueles que adoravam Vishnu, no norte. Houve, também, um certo número de céticos que simplesmente acreditavam no Upanishads. Os Jainas, naturalmente, permaneceram na Índia, embora muito ligados aos adoradores de Vishnu. Neste período existiram ainda os adoradores do deus sol. Todos êsses chamavam-se Hindús, não por causa da forma de culto que observavam, que era diferente nos vários casos, mas devido às três crenças fundamentais que possuíam, a saber:

- a) - Crença no Karma e transmigração dos espíritos, que se baseia no fato do espírito passar de uma existência à outra, na dependência das ações praticadas. Em outras palavras, recompensas e punições de uma vida não consideradas na outra.
- b) - Crença no sistema de castas como uma divisão de ordem divina, que separava o povo ao nascimento, de acordo com a profissão dos pais e determinava a profissão futura da criança de acordo com a família em que havia nascido.
- c) - Crença num espírito geral de tolerância e numa filosofia que acomodava uma diversidade de crenças e rituais.

É êste o espírito de unidade que uniu os povos, apesar da diferença em rituais religiosos praticados pelos diferentes grupos. Em outras palavras, em vez de ser uma comunidade, "o Hinduísmo naqueles tempos tornou-se uma comunidade de comunidades", como disse Mr. S.K.Dass.

Ainda que o espírito de tolerância geral tivesse prevenido conflitos maiores, esta diversidade dividiu o país praticamente. Há sempre algo de comum nos rituais que une os povos. Essa força unificadora estava ausente e depois de Harsha, nem no norte e nem no sul apareceu um rei que pudesse manter um grande domínio sob seu governo. Todo o país estava dividido em principados, e en

quanto um príncipe reverenciava a Shiva, outro no principado vizinho venerava Vishnu. A tolerância que por séculos preveniu o conflito armado, por sua vez não promoveu relações de boa vizinhança; por essa razão era natural que se um inimigo atacasse um principado, o vizinho não prestasse a sua ajuda. Esta indiferença, somada à indiferença geral das castas, com excessão da dos guerreiros, em intervir num conflito, fez da Índia uma presa fácil durante a invasão Moslem.

É preciso dizer alguma coisa relativa ao mais distante principado oriental da Índia Hindú conhecido como Bengal. Por longo tempo, depois do desaparecimento dos Budistas do norte da Índia, o Bengal ainda permaneceu Budista. Só mais tarde, no século X, logo após a invasão Moslem é que o Bengal tornou-se Hindú. Os responsáveis pela conversão parece que não eram tão compreensivos como foram aquêles do Norte da Índia. Em vez de acomodar os Budistas convertidos em diferentes situações na escala de prestígio social, jogaram todos na classe social mais baixa. Isto naturalmente causou muita resistência nas massas que foram tão degradadas; como resultado desse erro, tão logo Bengal se tornou uma província Moslim grande número de Hindús da ordem social mais baixa, que originalmente não faziam parte dela, mas que a ela foram levadas há um século atrás, adotaram a religião Muslim, que lhes pareceu mais democrática. Isto contribuiu para a grande concentração da população Muslim no Nordeste e Noroeste da Índia, da qual resultou a criação de dois "Paquistãos" ou áreas dominadas pelos Moslems. No tocante ao Nordeste, que ficava no caminho dos invasores, a preponderância pode ser bem compreendida. A preponderância da população Moslem no nordeste foi devida, inteiramente, aos desatinos das represálias vingativas impostas aos Budistas que mais tarde se converteram ao Hinduísmo.

- 8) - O primeiro efeito da invasão Moslem sobre o Hinduísmo - A escola Bhakti - 1000 a 1400dc

As conquistas de Mahmud Gazni enfraqueceram a resistência Hindú, mas a invasão de Mohammad Ghori é que levou ao estabelecimento de um império Moslem no Vale de Ganges, muito embora o primeiro tenha sido bem sucedido na conquista da parte Ocidental - ou seja, o Punjab. O império Moslem tornou-se o poder supremo do norte da Índia e com o correr do tempo expandiu-se pela Índia peninsular. não atingiu, contudo, as regiões costeiras e as planícies do sul.

Pela primeira vez, depois da ameaça Budista, o Hinduismo enfrentou um sério problema de concorrência. Mas enquanto o Budismo era uma religião de origem Indiana que ao ser liquidada pôde facilmente ser assimilada pelo Hinduismo, a religião Moslem não possuía essa característica. Era uma religião completamente alienada das tradições Indianas. Não admitia a hierarquia de diferentes castas, como os Hindús, era democrática em sua ordem social e anti-dogmática nos preceitos religiosos. Neste ponto golpeou o Hinduismo no seu ponto mais fraco.

A hierarquia das instituições sociais no Hinduismo - era responsável por uma falta de coesão e unidade; disto tirou proveito a religião Moslem para pregar decisivamente a sua convicção democrática. O liberalismo na prática de rituais do Hinduismo levou a uma falta de coesão que se tornou um ponto de apoio favorável à religião Moslem. Acrescente-se ainda que esta teve a ajuda de um eficiente poder orientador, que se preocupou em converter, com zelo missionário, por meio da explicação de suas doutrinas.

Realmente esta nova invasão difere muito das invasões dos Shakas, Sythians ou Huna, pois estes não possuíam sua própria cultura e puderam ser facilmente absorvidos pela cultura Budista e finalmente pelo Hinduismo. Enquanto os invasores que foram conquistar a Índia, e realmente conquistaram uma parte, foram conquistados pela cultura superior da Índia, a cultura Moslem, que era poderosa, por meio do seu proselitismo, modificou a Índia.

Pode-se dizer que os invasores Moslems não foram sempre proselitistas e, talvez, seu pequeno número, em presença da vasta multidão da população Hindú, fizesse com que seu proselitismo se restringisse somente às cidades. As instituições Hindú permaceram nas aldeias, enquanto que as instituições Moslems predominaram nas cidades.

Os invasores que vieram do Afeganistão e da Turquia - eram homens em sua maioria e necessitavam de companheiras. Naturalmente, foi difícil encontrar as esposas porque o conservantismo imperante entre os Hindús fazia com que os estrangeiros fossem evitados, como indignos, mais indignos que os da ordem social mais baixa dos Hindús.

Pela primeira vez os Hindús, numa atitude de auto-defesa, proibiram a comunicação com os estrangeiros e tornaram difícil, senão impossível, o reingresso ao Hinduismo. Isto foi feito - talvez porque se temia que aquêles que tinham se convertido à religião Moslem e tivessem desfrutado dos benefícios de uma ordem social democrática dificilmente aceitariam o sistema de casta outra vez e sua readmissão romperia a maior tradição do Hinduismo, porque o sistema de casta surgiu da hierarquia de prestígio. Eis a razão pela qual pela primeira vez foi proibida a reconversão ao Hinduismo.

O tratamento de desprezo dado aos conquistadores Moslems, assim como aos convertidos, aprofundou o abismo existente entre conquistadores e conquistados. Ninguém pode sentir tanta aversão e desprezo como naqueles tempos os Hindús sentiram em relação aos Moslems; acrescenta-se ainda mais o ódio destes para converter os Hindús.

Os maiores esforços de conversão, sob certas circunstâncias, foram dirigidos às mulheres, que foram as mais cobijadas porque os invasores Moslems eram homens na sua maior parte e precisavam de companheiras. Era comum naqueles tempos o Moslem tirar a

moça da casa dos pais e forçá-la a se casar. Pensava-se que com isto alcançavam-se duas coisas: de um lado assegurava uma companheira para o conquistador e, por outro lado, fazia-se uma nova versão para a religião Moslem.

Em compensação, foram criadas novas leis sociais. Os objetivos visados eram em sua maioria as jovens solteiras e as viúvas. A solução mais fácil era pegar as mais jovens porque deste modo os pais ficariam desobrigados de sua proteção. Com isto, desenvolveu-se uma nova idéia com relação aos benefícios advindos do casamento na pré-puberdade. Uma consequência natural foi negar a educação às meninas que permanecessem somente os primeiros anos de sua vida na casa dos pais, tempo este que seria insuficiente para que elas recebessem uma educação satisfatória.

As viúvas, por outro lado, constituíram um problema mais grave. Não se sabe exatamente a partir de que data os casamentos de viúvas foram realmente proibidos nas classes superior e média dos Hindús. Talvez tenha sido a partir do período Budista que prevaleceu o costume e tenha se originado num período particular da evolução social em que havia mais mulheres do que homens; enquanto a poligamia era permitida para os viúvos, desde que não se tivessem mais de uma mulher ao mesmo tempo, o casamento da viúva era proibido. Ninguém nega que foi um ato de grande injustiça social para as viúvas, mesmo seguindo as tendências da época.

É preciso notar, entretanto, que a proibição do casamento das viúvas não se acha nos textos ou tratados filosóficos de qualquer período; daí ser difícil marcar quando surgiu esta prática como costume <sup>Social</sup> especial, antes que como doutrina religiosa ou filosófica. Isto pode ser asseverado com segurança porque depois, quando se liberou o casamento da viúva, ficou provado que a proibição não tinha fundamento nos textos religiosos. Como costume social é antigo e tinha a força da tradição.

Com a invasão Moslem, surgiu uma situação difícil para jovens viúvas Hindús, que foi resolvida de maneira brutal. Foi

considerado um ato meritório e de devotamento a viúva morrer na pira funeral de seu marido. A honraria social que acompanhava este ato instigou muito a jovem viúva a liquidar muito cedo com sua vida. É possível que em alguns casos, embora em princípio a mulher estivesse inclinada a praticar o ato, no momento fatal ela recuasse; nestes casos era concebível que os parentes da infelizmente mulher ansiosos de assegurar a honra da família por meio de sacrifício, não hesitassem em usar a força para satisfazer seus propósitos. Deste modo teve origem a prática do Sutti, que não foi praticada, entre tanto, por todas as viúvas, mas principalmente por aquelas que não tinham filhos. Praticavam por vontade própria ou eram instigadas a se sacrificar na pira funeral de seus maridos. Como homem que relata a história eu não estou justificando o <sup>ato</sup> costume, mas simplesmente expondo como evoluiu o costume.

Para justificar todas essas rígidas práticas e conciliar os Hindús frustrados com a dura realidade que presenciavam, uma nova filosofia se difundiu neste período, o qual podemos chamar de culto ou devoção a Bhakti.

O Criador não foi identificado com as coisas criadas, como foi pregado por Shankara, mas havia uma diferença entre o Criador, que é uma entidade permanente e imutável, e a criação, que é mortal. Alguns filósofos como Ramanaj, conceberam mesmo uma trindade: Deus, espírito e matéria inanimada. Deus seria o grande árbitro para nossas recompensas e punições, que não viriam nesta mas na vida próxima. O melhor meio de merecer a recompensa seria oferecer uma devoção pessoal a Deus, apesar das adversidades materiais.

Neste contexto, Deus não era uma entidade ~~de~~ comum a todos, mas diferiu de acordo com o culto. Para Ramanaj, que era adorador de Vishnu, Deus era o Senhor da Preservação. Madhabacharya e Meykander foram dois outros grandes filósofos deste período. O primeiro pregou o dualismo, em vez da trindade, e incluiu todos os elementos destrutíveis num deus; concebeu o deus imutável como sendo -

Vishna. O segundo também pregou o dualismo, mas êsse é Shiva, e a criação tem somente um objetivo, isto é, ultimar a destruição, para a qual ela está condenada e caminha devagar mas firmemente.

De acôrdo com os filósofos dêste período, o único meio de estabelecer uma comunicação entre o criador e a criação seria através da devoção ou Bhakti. Deus não é um Ser inanimado ou indiferente. Ele tem todos os sentimentos humanos e a comunhão com Ele é a melhor preparação que um indivíduo pode fazer para uma vida futura mais afortunada. Uma pessoa pode suportar todos os sofrimentos nesta vida e ainda olhar a Deus com devoção. A recompensa virá na vida futura. Esta é a doutrina pregada pelo Cristianismo na pré-Renascença, para preparar o indivíduo não para vida de bem estar, mas para uma vida futura.

Talvez não fôsse uma filosofia bastante sólida mas seguir a filosofia do período obscuro, quando tôdas as melhores ocupações estavam nas mãos dos legisladores Moslems ou com o limitado número dos Hindús protegidos ou convertidos. Aquêles que se converteram ao Hinduismo sob pressão teriam apenas uma aspiração que não seria satisfeita aqui, mas na vida futura.

Êste culto racionalizou a prática desumana de queimar as jóvens viúvas para que estas alcançassem a recompensa na vida futura. Assim, o culto de Bhakti foi uma filosofia que veio racionalizar algumas das práticas injustas e oferecer um remoto e talvez novo objetivo, àquêles que não se conformavam com estas práticas.

#### 9) - Hinduismo Militar do período final Bhakti

(1400 - 1750 d.C.)

No final do século XIV, o govêrno central Moslem, em Delhi, estava enfraquecendo e os principados Moslems menores estavam evoluindo em Deccan, Sindh, Kashmire e na parte superior do Vale Ganges. No longínquo sul, um nôvo e poderoso império se desenvolveu e Rajputs, que não tinha sido completamente aniquilado pelos

Moslems, ganhou novas forças. Talvez este tenha sido um período propício para proclamar um novo renascimento político Hindú e para sustentar o novo movimento político surgiu a escola Bhakti, de tendências militaristas. É possível que os filósofos desse período, a fim de pregar o renascimento, tenham exaltado as glórias do passado. Tulsidas escreveu o Ramayana outra vez, diferente do texto original, mas fazendo aparecer o herói Rama com características mais humanas. Chaitanya, no Bengál, entretanto, pertenceu a velha escola e pregou a devoção e o seu culto.

No Vale do Ganges outro poeta, Kabir, de origem Moslem, cujos cantos religiosos inspiraram os Hindús para a crença no Deus Hindú, assim como para a síntese da cultura Hindú e Moslem. Nanak, o fundador do Sikhs, também pregou a idéia da síntese de diferentes religiões.

Além disto, existiram os poetas Rajputs que difundiram cânticos religiosos que encorajavam os Hindús a lutar e morrer por sua religião ou povo, caso fosse necessário. Lutar e morrer por sua religião, segundo o novo culto, levaria-os a uma vida feliz no futuro. Assim, o culto de Bhakti de resignação nesse mundo foi modificado para um culto de sacrifício pela religião com a esperança de alcançar recompensas futuras.

No Sul um similar culto Bhakti foi pregado por .... Vallabhacharya e Ramãnda. Com excessão da última escola Bhakti, - que tinha tendências mais agressivas e talvez tenha mostrado tendências renascentistas porque clamou pela consideração dos dias gloriosos do passado, os principais fundamentos da crença eram comuns e assim podem ser sumariados:

- 1º) - Crença num Deus vivo, supremo e pessoal, muito embora a forma real tomada por este Deus tenha diferido em diferentes lugares, a saber: Vishnu, Shiva e Shakti.

- 2º) - Crença na individualidade de cada espírito. Considerava-se que o espírito passava pelo ciclo da vida, num processo - de auto-purificação.
- 3º) - Crença na renúncia para alcançar a salvação última, que não advinha das práticas de rituais mas sim da prática de considerar coisas terrenas com espírito de renúncia. Esta, entretanto, foi uma renúncia passiva nos primeiros tempos e foi transformada em sofrimento para algumas religiões.

Talvez tenham sido estas as três causas que impediram o renascimento do Império Hindú, quando o domínio Moslem, na Índia, se enfraqueceu depois da invasão do Taimur Lange.

1º) - Os Hindús estavam ainda divididos em muitas sub-seitas, Shaktas, Shaivas e Vaishnavas além dos Jainas, que eram pacifistas. Eles não puderam efetivar a unidade e edificar um todo coeso.

2º) - O sistema de casta, aboliu as tradições agressivas, que permaneceram somente entre os guerreiros. Os Hindús, em sua maioria, no melhor dos casos, permaneceram como expectadores - interessados, deixando que as lutas fôsem feitas pela casta dos guerreiros; nesse estado de coisas uma vitória completa não era possível.

3º) - O verdadeiro ensinamento da escola Bhakti nesse período pareceu algo confuso. De um lado clamou que as pessoas renunciassem tudo e pensassem num Deus e na vida futura; por outro lado incitou a lutar para alcançar as coisas dêste mundo; é isto que denotam os ensinamentos.

Foi talvez mais pelas primeiras duas causas do que pela terceira que uma organização Hindú, que surgiu neste momento oportuno, falhou e muito logo duas coisas aconteceram que ajudaram a impedir o progresso Hindú pelo menos por um século.

No Norte em meados do século XVI surgiu um poderoso e sagaz legislador, chamado Akabar. Por meio de uma inteligente política reconciliou os Rajputs e outros Hindús e lhes deu posições de responsabilidade dentro do império, juntamente com os Moslems.

No Sul o poderoso império de Vijaynagar não pôde se sustentar contra o poderio combinado de um grupo de quatro legisladores Moslems que eram aliados, e foi destruído. Os vitoriosos permaneceram muito pouco tempo juntos, porque dois deles vieram a fazer parte do império de Akabar e os outros dois se enfraqueceram. Deste modo, no início do século XVII grande parte da Índia estava unida sob o contróle do poderoso governo Muslim cuja política benevolente atraiu os Hindús.

Akabar fez uma coisa a mais, que se tivesse sido bem sucedida teria edificado uma nova religião na Índia, pondo fim às diferenças entre Hindús e Moslems, porque sua nova religião - Dini-i-Ilahi - conteria os elementos básicos de tôdas as religiões. Mas apesar da proteção efetiva que teve esta nova religião, não foi aceita pelos Hindús e Moslems ortodoxos.

Outra tentativa de unificação, feita algum tempo antes de Akabar, a saber, Sufism procurou converter os elementos básicos da religião Moslem numa casta modelo, por meio da escola - Bhakti, que foi outra força coesiva que poderia ter afetado a reconciliação entre Hinduismo e religião Moslem.

Sufism também acreditou num Deus pessoal, a quem os devotos dirigiam-se algumas vezes em termos respeitosos, por meio dos quais os adoradores dedicavam seu amor. Provavelmente Kabir, - que foi mencionado anteriormente, foi o primeiro Sufee. Todavia o Sufism diferiu do Hinduismo em três pontos básicos:

- a) - não pregou a idolatria como a escola Bhakti. Enquanto os devotos da Bhakti

adoravam um Deus na forma humana, os Sufees adoravam um Todo Poderoso abstrato, muito embora dessem-lhe qualidades humanas.

- b) -Os Sufees não acreditavam no sistema de casta, um dos pontos essenciais dos Hindús.
- c) - O Sufism restringiu-se a poucos poetas e filósofos enquanto a escola Bhakti difundiu a religião em tôdas as direções.

Um dos feitos da militarista escola - Bhakti - foi estreitar os laços familiares da mulher mais uma vez, porque temiam que se houvesse uma guerra as mulheres seriam as primeiras a perder sua dignidade ao serem capturadas. Dêste modo, os Rajputs deram início a um costume do Johore ou auto-desprendimento quando a derrota era iminente. Os homens lutariam até o último homem e as mulheres associariam-se a um funeral coletivo ao prever a morte e destruição dos seus maridos. Era uma medida arrojada levada ao extremo.

Outra precaução que foi tomada foi ocultar a mulher sob véus para escapar dos olhos de um admirador Moslem que poderia ser um pretendente.

Devesse notar que esta prática de ocultar a mulher sob véus era comum somente no Norte e Sul da Índia, que estiveram sob a influência Moslem durante muito tempo. Os véus não foram usados nas regiões montanhosas, nas planices costeiras e no Sul, que não estiveram sob a rigorosa influência Moslem.

De Akabar até seu neto houve muito poucas mudanças na política imperial para com os Hindús, e é significativo que o período entre 1550 d.C. à 1650 d.C. tenha sido um século muito pobre, pois não apareceu nenhum filósofo de grande vulto.

Os filósofos Sufees se aproximaram muito dos Hindús e muitos poetas Sufees desse período foram respeitados pelos Hindús e igualmente pelos Moslems. As circunstâncias sob as quais Aurangzeb, bisneto de Akabar, subiu ao trono, entretanto, fizeram com que ele pregasse uma religião completamente diferente das principais pregações dos seus predecessores. Ele teve que conquistar o trono despossando seu irmão mais velho, que era considerado pelos Hindús como um Sufee.

Aurangzeb, todavia, começou seu reinado nas garras da oposição e isso o tornou extremamente precavido e talvez muito desconfiado. Além disso, foi um fanático devoto Moslem.

Seu reinado todavia, marcou o aparecimento de um segundo grupo de filósofos militaristas das últimas escolas Bhakti, encabeçados por Dadaji Kondadeo no Decan, de poetas Rajputs, de Rajastan e de poetas Sikh, que escreveram cantos de guerra. Foi Dadaji quem inspirou as atividades do grande chefe Marhatta, Shivaji e foi responsável pelo aparecimento do domínio Mahatta, que se tornou a força mais poderosa da Índia por cinco décadas, de 1710 à 1760. Os poetas Sikh inspiraram Teg Bahadur e mais tarde Govind Singh e fizeram dos pacíficos Sikhs uma força militar poderosa. Os Rajputs reuniram-se outra vez sob a orientação de Rajsingh e se constituíram numa formidável força centra.

Assim, a segunda fase da última escola Bhakti deu nascimento a três poderes militaristas - o Marhatta, Rajputs e Sikhs. Aos três poderes faltou coesão e os Marhattas, nos primeiros tempos estavam mais interessados em colher os rendimentos de seus territórios dependentes do que constituir um govêrno sistemático. Isto, naturalmente, fez com que as áreas dependentes fossem-lhes hostis. Os Sikhs e Rajputs subdividiram-se em grupos e como não foi possível a coesão, (com excessão de um curto período em que os Sikhs estiveram sob a direção de Ranjit Singh) não conseguiram atingir qualquer fim.

Dêste modo as duas escolas Bhakti findaram suas atividades sem produzir quaisquer resultados significativos, morais ou materiais, para os Hindús. Talvez pudessemos ter previsto a aridez do período, porque simplesmente desenvolveram filosofias para adaptar-se às tendências da época: inicialmente apareceu uma filosofia de reconciliação para aquêles que tinham uma possível esperança de recompensa na vida futura e isto foi seguido por uma filosofia perniciosa que pregava a glória Hindú, mas que derivava tóda a sua força dos gloriosos dias do longínquo passado. Isto fez também com que não se olhasse para as recompensas terrenas, mas para a recompensa futura. A diversidade de crença, um sinal da falta de sagacidade da filosofia Hindú, impediu a coesão que foi também ocasionada posteriormente pelo sistema de casta. Embora houvessem pregações anti-ritualistas, com o correr do tempo os rituais aumentaram e tornaram o povo mais supersticioso e conservador. A educação como um todo e a educação feminina em particular, sofreram as consequências, mas mesmo assim fizeram alguma coisa, de maneira que puderam aumentar as perspectivas. Um espírito de autoritarismo substituiu o livre pensamento que a Índia Hindú tinha conseguido; conseqüentemente, em todos os pontos de vista êste foi um período sombrio para a Índia.

## AS PROGRESSIVAS MUDANÇAS DA FILOSOFIA HINDU

Pelo Dr. L. Mukherjee, Professor de Educação na Lucknow University, Índia, e Perito em Pesquisas Educativas da UNESCO, trabalhando presentemente no Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo, Brasil.

Tradução de : Roberto Moreira

### Capítulo III: A Filosofia Hindu na Idade Moderna

#### 10. Principais mudanças causadas pelo contacto com a Civilização Ocidental.

Muito embora a primeira viagem européia à Índia tivesse sido realizada em 1492 d.C., e no início do século XVII pelo menos quatro países: Portugal, Holanda, França e Inglaterra, tivessem estabelecido suas atividades em portos da Índia, a influência da civilização Ocidental só se fez sentir, mais acentuadamente, quando os Ingêleses virtualmente despossaram seus três rivais e consolidaram sua posição, especialmente na província Oriental de Bengal e na faixa costeira do sudeste da Índia. Podemos considerar, aproximadamente, o ano de 1750 d.C. como a data limite, ainda que, provavelmente, seja mais razoável considerar 1760 d.C., o ano anterior à derrota do domínio Marhatta pelos Afghans, em 1761; essa luta enfraqueceu vencidos e vencedores, de tal modo que possibilitou a ascendência Ingêlesa.

Neste período, a Filosofia Hindu enfrentou sérias contendas. A primeira foi com o Cristianismo, que era uma religião proselitista e seus esforços para a conversão eram mais sutis e poderosos. Os missionários Cristãos iniciaram suas atividades de conversão difundindo a educação.

Nos tempos medievais, quando era precária a segurança da vida e da propriedade, em muitos lugares, e eram frequentes as incursões Marhatta para se apoderar dos produtos das terras devastadas, tornou-se impossível prosseguir na tarefa educacional, que necessitava de uma atmosfera de paz e segurança.

Foi nessa conjuntura que os Missionários Cristãos mostraram as vantagens da educação, na Índia. Muitos daqueles que tiveram a oportunidade de receber esta educação foram orientados em direção ao pensamento Cristão e desprezaram as instituições sociais Hindus, especialmente alguns costumes como o casamento precoce, a não educação feminina e o tratamento cruel dado às viúvas. Além do mais, acrescenta-se, naturalmente, o combate ao rigor do sistema de castas e o mau trato dado às classes inferiores, desde os tempos antigos, notadamente na Índia penin

sular.

Se o domínio Moslem tivesse se expandido no Sul, tal como aconteceu com o Norte, não há dúvida <sup>de</sup> que êsses Hindus oprimidos da classe inferior teriam abraçado a religião Moslem, da mesma maneira como, recentemente, aconteceu com os Budistas do nordeste de Bengal. A atividade Moslem no sul peninsular foi ineficiente, e mesmo quando um pregador Moslem regulamentou estas atividades, não houve um maior esforço de conversão, por temor dos poderosos Hindus que constituíam a maioria opressora. Mas com o Cristianismo a situação assumiu características diferentes. Foi através das regiões peninsulares que o Cristianismo difundiu-se pela Índia e o método de doutrinação, se nos é permitido usar o termo, atuou pacificamente.

Como resultado tivemos a conversão em massa dos Hindus ao Cristianismo, principalmente nas classes inferiores, e notadamente na costa Sul-Oriental e no extremo Sul. O número de conversões não atingiu proporção igual àquela da conversão Muslim, de Bengal, por duas razões: as castas inferiores do Sul da Índia sujeitaram-se à tirania durante dois milênios e por essa razão não foram tão fortemente atingidas, como aconteceu com os Budistas de Bengal que permaneceram submissos somente durante um século; além do mais, os Moslems foram protegidos pelo poder dominante e por isso alcançaram melhores resultados que os Missionários Cristãos que não tiveram proteção oficial da Companhia Inglesa da Índia. Apesar disso, hoje cerca de três quartos da população cristã Indiana pertencem a essa região, que representa menos de um quarto da população total da Índia. Esta conversão ao Cristianismo se tornou um problema que deveria preocupar os líderes Hindus, mas por algum tempo nada foi feito.

Mais sério foi o desafio lançado pelo materialismo da Civilização Ocidental, que visava dar ao homem apenas maiores oportunidades e melhores condições de vida no presente, sem se preocupar com uma vida futura. Isto veio se opor às doutrinas pregadas pelos sábios orientais, Hindus e Moslems, notadamente dos sábios Hindus do culto de Bakti. Essas teorias Ocidentais, baseadas em conceitos científicos, colocaram-se em oposição à toda religião que tem por base as doutrinas de revelação Divina; conseqüentemente, o Hinduísmo e a religião Moslem sentiram o impacto tanto quanto, ou talvez mais ainda, a religião Católica Romana no Ocidente.

A teoria heliocêntrica se opôs radicalmente à teoria geocêntrica estabelecida pela astronomia e astrologia Hindus; tivemos já a oportunidade de ver que a nova teoria, quando foi proposta pelo astrônomo Indiano Arya Bhatta, não foi levada em consideração por seus contemporâneos, que simplesmente silenciaram diante dela.

Essa a nova teoria de Copérnico e Galileo não poderia ser desprezada tão facilmente, pois veio abalar a crença em muitos dogmas estabelecidos pela astrologia.

O conceito Ocidental de respeito ao ser humano chocou-se também com os costumes do mundo Oriental. Devido aos seus resultados, a ciência atraía os homens e esta atração mais se acentuou porque o ponto de vista da ciência era não acreditar na autoridade e só fundamentar as conclusões na observação e na experiência. Isto não teria se constituído numa novidade para os orientais se tivessem conservado a orientação do Upanishads, mas os séculos de culto a Bhakti tornou-os completamente dependentes da autoridade. Um novo mundo de idéias revelado aos jovens estudantes nas escolas Cristãs, modificou suas velhas noções de Geografia e Astronomia e também a história legendária e a pseudo-ciência.

Por algum tempo a reação do Hinduísmo assumiu uma forma negativa, de resistência, tal como aconteceu quando do impacto inicial da invasão Moslem. Os Hindus mais conservadores tomaram rigorosas medidas para prevenir a difusão dessas idéias e para impedir que os pais mandassem seus filhos às escolas dirigidas pelos missionários Cristãos. Todavia, esta resistência não surtiu os efeitos esperados, principalmente porque naquele tempo as escolas dirigidas pelos missionários Cristãos eram os únicos lugares onde os jovens Hindus poderiam ter contacto com a ciência Ocidental, que desejavam conhecer.

#### 11. Tendências reformadoras da Filosofia Hindu no Século XIX

Muito embora o grande ímpeto de conversão se fizesse sentir mais no Sudeste Indiano, as tendências reformadoras apareceram e se difundiram primeiramente da província de Bengal, situada no Nordeste, para depois surgirem no Sudoeste de Bombay e finalmente nas planícies do Norte. Isto prova que não houve propriamente conversão mas o debate de idéias, que se tornou um problema bastante sério. Os líderes Hindus então foram preparados para modificar algumas das inaceitáveis e antiquadas idéias, com o fim de salvar a religião de críticas insolentes.

Um dos pioneiros do movimento foi Raja Ram Moham Roy, de Bengal. Desempenhou importante papel no desenvolvimento da política educacional da Companhia da Índia Oriental, advogando educação científica nos moldes da Ocidental. Atuou como reformador social, pregando a abolição do Sutti, que consistia na prática de sacrificar no fogo a viúva jovem e seus filhos, na pira funeral do seu marido; supunha-se que isto fôsse um ato voluntário, mas muitas vezes, a pressão da opinião pública tornou-o compulsório. Tinha-se o ato como benéfico à viúva, que cairia em desgraça se não o praticasse. Foi, principalmente, através do seu esforço que este costume cruel foi abolido; daí por diante, a tentativa de qualquer

viúva de cometer o Sutti era considerada como tentativa de suicídio e seus parentes eram considerados culpados por ajudá-la.

Mas sua reforma mais importante foi o estabelecimento do Brahmo Samaj. Político prático, quis reformar os abusos gritantes da sociedade Hindu; era, ao mesmo tempo, um apologista do passado da Índia. Sentiu o perigo das atividades dos missionários Cristãos, que poderiam, aos poucos, converter toda a Índia Hindu, que se encontrava mergulhada nas superstições medievais, pois que o culto de Bhakti colocava a fé acima de todos os argumentos e a autoridade acima de qualquer raciocínio.

No Brahmo Samaj incorporou algumas idéias liberais do Cristianismo; por exemplo, a emancipação e a educação feminina, e o impedimento do casamento precoce. Deste modo, quis criar uma nova ordem na sociedade Hindu, pois, colocando-se numa situação intermediária, preveniria os Hindus mais afeitos de abraçar o Cristianismo.

Uma grande diferença entre a prática Hindu e a dos Brahmos reside na contemplação de uma divindade abstrata, em lugar de adorar ídolos, como acontecia com os Hindus, desde o último período Budista. Esta nova atitude dos Brahmos libertou os pregadores da prática dos rituais Hindus, tornou as pregações mais abstratas e possibilitou a introdução de pregadores nos moldes do Cristianismo.

Os seguidores de Raja Ram Mohan Roy, como Devendra Nath, o pai do conhecido poeta Ravindra Nath Tagore, e Keshab Chandra introduziram a prática de orações aos domingos, dirigidas por pregadores, semelhante aos religiosos Cristãos.

Enquanto que Devendra Nath era um teórico, ligado aos ensinamentos do Upanishads, que, como vimos, era mais cético que teísta, Keshab Chandra era mais prático, pois introduziu o canto coral acompanhado por instrumentos musicais, seguido de orações e sermões pregados pelos sacerdotes. O modo de adoração do Brahmo Samaj se assemelha de tal maneira ao sistema de orações das Igrejas Cristãs que se diz que ele é um Cristianismo sem Cristo. Mais tarde Keshab Chandra e Devendra Nath perderam seu prestígio inicial e este último desenvolveu um Brahmo Samaj reformatado, que veio a ser uma sub-seita.

As principais características da crença no Brahmo Samaj fazem com que ela difira do velho teísmo da conservadora Índia Hindu, não no que ela afirma mas no que nega. Podemos dizer:

- a) Nega as escrituras como fonte de autoridade e dá ao próprio entendimento mais importância que à pura repetição dos textos sagrados.
- b) Não crê na encarnação e não cogita da teoria do renascimento.
- c) Concebe um Deus abstrato, é monoteísta e é contrária à adora

ção de ídolos.

d) Nega a distinção de classes.

Teve o seu lado positivo, como já foi dito, pois favoreceu a educação e a emancipação feminina.

Infelizmente, desde o início o Brahmo Samaj se colocou abertamente na ofensiva contra as práticas tradicionais dos Hindus, especialmente o sistema de castas e a adoração de ídolos. Entre seus adeptos contavam-se grandes intelectuais, notadamente no Bengál, mas o número deles era pouco elevado. Não conseguiu o apoio de uma parte considerável do governo Hindu, talvez porque não tinha um cânone religioso para suportar sua autoridade, como tinham as religiões Moalem e Cristã. E muite embora tentasse aproximar-se dos costumes Cristãos, não conseguiram trair um grande número de Hindus.

Contudo a influência da doutrina Brahmo se fez sentir na sociedade. Foi Vidyasagar, Hindu conservador, que, na segunda metade do século dezenove, apresentou a lei que tornava válido o novo casamento de uma viúva; para justificar essa medida, selecionou textos religiosos que mostravam como a prática tinha sido seguida no passado e salientou que eram os costumes sociais, antes que os preceitos religiosos, que impediam o casamento da viúva. Muitas reformas sociais, como a emancipação e a educação femininas, surgiram como uma consequência da revolução silenciosa levada a efeito pelo Brahmo Samaj, que mesmo não conseguindo muitos adeptos prestou contudo um valioso trabalho de reformas para a comunidade Hindu.

O Prarthana Samaj de Ranadey, em Bombay, foi organizado mais ou menos nas linhas do Brahmo Samaj. Condenou também a discriminação de castas e reintroduziu o casamento da viúva. Difundiu a educação feminina e aboliu o casamento prematuro. Como os Brahmos, os adeptos do Prarthana Samaj também acreditavam num Deus. Entretanto, diferenciando-se dos Brahmos de Bengál, os membros do Prarthana Samaj não se opuseram tão decididamente aos princípios fundamentais dos Hindus. Não eram, ademais, tão intolerantes e iconoclastas.

Um movimento mais poderoso de reforma foi iniciado por Swami Dayananda, que em 1875 estabeleceu o Arya Samaj. Num determinado aspecto colocou-se numa posição completamente contrária ao Brahmo Samaj, pois Swami Dayananda não se valeu dos métodos de culto Cristãos e abraçou as antigas tradições Hindus, sem aderir, todavia, aos ídolos. Os Arya Samajistas são também monoteístas como os outros dois, mas em vez de acreditar numa realidade abstrata, acreditavam num Deus que estaria sempre presente em todas as coisas criadas (isto é, não há diferença entre criação e criador). Os aspectos reformadores do Arya Samaj dependem de três princípios fundamentais: Educação, Organização e Conversão. Seu objeti-

ve era tomar de volta as Hindus aquelas que tinham abandonado a religião e também fazer novas conversões. Esta característica do Arya Samaj coloca-o em oposição com outras religiões proselitistas, especialmente a Islã.

## 12. Tendências Militares e Renascentistas da Nova Filosofia Hindu

Um dos efeitos do conflito entre a nova e a antiga filosofia foi o aparecimento de uma atitude reformadora, que tinha por objetivo a correção de alguns dos males da filosofia Hindu; mas—este não foi o único efeito da luta entre as duas filosofias, opostas entre si, pois que uma pregava a existência de uma vida posterior e a outra orientava esta vida para a alegria e o prazer. Como segunda consequência, surgiu a tendência de voltar-se e considerar o glorioso passado.

Levada pelos Missionários Cristãos, a imprensa (que embora fôsse inventada pelos Chineses só era conhecida no Oriente através do Ocidente) foi utilizada por essas novas tendências; como haviam se utilizado de lá aquêles que difundiram o Cristianismo e aquêles movimentos reformadores como o Brahmo Samaj.

Dêsse modo, a imprensa inicialmente foi usada pelo movimento literário de Renascimento das línguas vernáculas da Índia, especialmente a Bengali, a Nabatti e a Tamil, para divulgar os feitos heróicos do passado. Como no Renascimento Celta da Irlanda, êste movimento restringiu-se à literatura, para depois estender-se também ao campo político e social.

O movimento político da Renascença Hindu começou com o trabalho da devotada senhora irlandesa Mrs. Anne Basent, que posteriormente se converteu ao Hinduísmo. Primeiramente ela se filiou ao movimento teosófico iniciado por Madame Blavatsky em Nova York e depois foi mandada à Índia para trabalhar. Em 1882, 7 anos depois, os dirigentes do movimento mudaram-se para a Índia. Em 1887 Mrs Anne Basent tomou a direção do movimento, pois que Mme. Blavatsky havia se retirado para a Inglaterra.

Mrs. Basent deu um novo colorido ao movimento e se sentiu atraída pela filosofia Hindu. Não restringiu sua atividade ao simples misticismo para-teológico da teosofia, mas devotou suas energias na revivência das glórias passadas da Índia. O Hinduísmo que Mrs. Basent advogou não foi a sociedade reformada e remodelada pregada pelo Brahmo Samaj ou mesmo pelo Arya Samaj, mas defendeu o Hinduísmo em sua totalidade: sua filosofia sua ética e sua forma de adoração. No início ela mesma parece que tolerou o sistema de castas, embora mais tarde, em 1913, ao que parece, mudou seu ponto de vista. Nesta época surgiu o conflito com o grupo mais ortodoxo e Mrs. Basent deixou o movimento, mas já se tornavam aparentes os primeiros sinais renascentistas.

Além de Mrs. Basent, o movimento renascentista teve outro baluarte na pessoa de Mr. Bal Gangadhar Tilak. Era um homem preparado não

elemento para servir uma tribuna para sofrer. Embora suas atividades, na maior parte, fossem políticas, pragas e renascimento dos dias gloriosos do passado. Com este objetivo, não somente se opôs às idéias reformistas do Prarthana Samaj, mas também organizou um movimento renascentista em honra aos heróis nacionais do passado.

Infelizmente Mr. Tilak não se mostrou bastante prudente na escolha dos heróis. Foi um batalhador do movimento de libertação e daí o fato de sua preferência em escolher heróis que tivessem lutado no movimento em prol da libertação, contra o domínio Moslem. Assim, a escolha de um líder como Shivaji, que estabeleceu um regulamento Marhatta independente que destruiu os Moghals, foi uma consequência natural. Politicamente isto foi um erro grave porque o movimento nacional para aspirar o triunfo deveria procurar a cooperação espontânea dos Hindus e Moslems. A atitude de Shivaji pederia agradar a um Hindu, mas aos olhos de um Moslem ele pareceu naturalmente um grande inimigo que veio destruir o domínio Moslem.

Do mesmo modo, todo o esforço dos Hindus em reviver o glorioso passado era uma tentativa de esquecer e ignorar o período de dominação Moslem. O fato de Mr. Tilak ter sido um poderoso líder, respeitado universalmente, e o fato de seus métodos serem imitados em outras províncias como Bengal e Punjab contribuíram, por um lado, para que os hindus respeitassem seu passado; por outro lado, isto veio contrariar os interesses dos Muslims, que sentiram que o movimento não pretendia levar o país à liberdade, mas apenas fundar um estado Hindu, onde os Muslims ficariam em situação inferior. Deste modo a agitação política da Índia restringiu-se às atividades Hindus, porque os Muslims, com raras exceções, tiveram pouca atuação. A maioria Muslim permaneceu completamente afastada e outros se colocaram abertamente em posição hostil. Na verdade, o poder Britânico tirou proveito desta situação e ousadamente procurou acen-  
tuar as tendências renascentistas Hindus, usando uma política que podemos chamar de "divisão e poder"; contudo, precisa-se notar que o princípio desta divisão foi lançado pela escolha imprudente dos heróis nacionais do passado, aos quais o movimento renascentista deu um lugar de honra.

Em 1921, Mahatma Gandhi entra em cena na política de libertação da Índia, com o movimento de "Não Cooperação". Ele já tinha adquirido algum prestígio em movimento semelhante dos colonos Indianos, na África do Sul, e também em alguns movimentos locais, como em Behar e Gusrath. Este foi o primeiro movimento geral, em grande escala, na Índia.

O movimento de "Não Violência" e de "Não Cooperação" de Mahatma Gandhi foi, em primeiro lugar, inspirado pela sua filosofia Jaina e pelo seu estrito vegetarianismo; em segundo lugar, ganhou força com o uso das táticas Irlandesas de boicote e a adoção da teoria da resistência passiva do sábio russo Tolstoi. Para Mr. Gandhi o Hinduísmo é a procura

da verdade por meios não violentos.

Mr. Gandhi não tomou a "Não Violência" no seu aspecto negativo, como a ausência de algo, mas como um objetivo positivo que eleva o homem, que é, em parte, um ser humano e, em parte, animal, mas que encerra algo de sublime e divino. De acôrdo com essa atitude defensiva, o praticante da "não violência" sofreria tôdas as torturas silenciosamente, até que, pelo seu ato, fôsse possível inculcar o espírito de nobreza em seu opressor, que sendo um ser humano, pelo menos, teria que dar vazão aos seus bons princípios. O exemplo de algumas dessas atrocidades que os Judens sofreram na mão dos Nazistas levanta dúvidas quanto à possibilidade do Sadismo ser curado desta maneira. Todavia, é minha tarefa expôr a teoria antes que criticá-la.

Inicialmente, Mahatma Gandhi assegurou para o movimento a co - operação de um grande número de Muslims; fazendo causa comum o movimento do turco Khelafat, pôde reconciliar as amizades extra-territoriais dos Muslims, da Índia. Gradualmente, porém, as tendências renascentistas vieram juntar-se ao programa de Mr. Gandhi; quando êste quis afastar-se da civilização mecânica (Occidental) e voltar ao artesanato. Os Muslims temeram, muito êsse temor não tivesse fundamento, que Mr. Gandhi pretendesse a instauração do domínio Hindu. Suas referências frequentes a Rama, o herói mítico do Ramayana, despertou uma grande desconfiança entre os Muslims. Alguns dêstes, como Maulana Azad, permaneceram fiéis a Gandhi, mas a maioria retirou-se do movimento. Depois de um segundo movimento político em 1930, Mahatma Gandhi retirou-se, durante uma década, do movimento político e se devotou à causa do reerguimento dos Hindus que se encontravam em situação inferior. Foi um movimento singular, mas tão grande foi a sua personalidade que a intocabilidade, a prática nociva da Índia peninsular, quase desapareceu no curso de duas décadas mais ou menos. As reformas educacionais de Mahatma Gandhi atingiram principalmente a educação básica e fundamentalmente seguiu o velho sistema de aprendizado de ofícios do período Kalpa-Sutra, como é mencionado no Artha Shashtra de Kautilya.

Em 1942 Mahatma Gandhi lançou um terceiro movimento político que resultou na Independência da Índia, separando-se também o Paquistão, o país de maioria Moslem. Êste se constituiu de duas partes antes pertencentes à Índia, que se situam no Nordeste e Noroeste do território Indi ano, separadas por milhas de terras Indianas.

A formação de um país com base na religião, como foi o caso do Paquistão, deu lugar ao aparecimento de uma nova posição dos Hindus mais atuantes, que quiseram estruturar a Índia na forma de um estado teocrático. Talvez os sofrimentos dos refugiados Hindus, que vieram do Paquistão para a Índia, tivessem fortalecido suas convicções, tanto quanto foram fortalecidos os sentimentos Muslims no Paquistão pela situação dos

refugiados Muslims que percorreram o caminho inverso, do Punjáb Oriental para o Paquistão Ocidental.

Foi nesta conjuntura que alguns atos de Mahatma Gandhi, que viava o estabelecimento da paz nas duas comunidades, provocaram realmente uma cisão entre os Hindus que os encaravam como sujeição aos Muslims; por fim, um fanático assassinou Mahatma Gandhi em 1948. É uma ironia do destino o fato dos líderes Muslim suspeitarem que Mahatma Gandhi tinha tendências pró-Hindus, enquanto entre estes haviam muitos que suspeitavam de suas tendências pró-Muslim, a tal ponto que um deles se colocou em tal posição que acabou assassinando-o.

Após a morte de Mahatma Gandhi, a seção militar dos Hindus, chamada R.S.S. (voluntários para o Estado) foi banida por algum tempo. Mas o movimento militar levantou-se outra vez para pedir a reunificação da Índia. A partir de 1952 este movimento se fortaleceu com o apoio de muitos nacionalistas, que mesmo não pedindo a reunificação, demonstravam grande fidelidade ao nacionalismo. O pensamento deste grupo não era defender sempre a não violência mas reagir com a força aos ataques sofridos. Em 1955 foi este grupo que iniciou o movimento para a anexação de Goa à Índia. Em 1959, quando se soube que os Chineses haviam se apoderado de uma grande parte de Ladakh, foi este grupo que iniciou o movimento pela luta de recuperação da terra perdida; em outubro de 1962, quando o Governo Indiano finalmente decidiu se lançar à guerra defensiva, isto se constituiu uma vitória moral desse grupo.

Em resumo, podemos dizer que <sup>em</sup> embora as atividades do grupo renascentista desenvolvessem um senso de auto-respeito entre os Hindus, que ajudou a expulsar a mentalidade eslava, por outro lado isolou os Muslims do esforço comum, e conseqüentemente, favoreceu os isolacionistas, pelo menos, com uma razão plausível para a fundação de um estado teocrático.

Após a independência, este grupo militar Hindu não se sentiu muito atraído para os aspectos seculares do estado e se constituiu num forte grupo nacionalista que às vezes tem usado da violência.

Mahatma Gandhi, o líder Nacionalista, não pertenceu a esse grupo; todavia, os Muslims suspeitavam que ele fazia parte desse grupo nacionalista, e aqueles que pertenciam ao grupo de Gandhi suspeitavam que ele fosse inimigo.

É interessante observar que com o correr do tempo a tendência militar deste grupo assumiu características mais moderadas, porque a moderação reside no espírito dos Hindus e qualquer inclinação militar é temporária, como aconteceu na mais recente escola Bhakti.

### 13. Tendências Humanísticas na Filosofia Hindu Moderna

Seria um erro pensar que as tendências renascentistas, que surgiram depois dos movimentos reformistas do início e meados do século de

movimento, tornou-se como ela somente uma forma militarista de nacionalismo. E, como foi visto, algo que resultou de uma série de acontecimentos e que não atingiu todos os Hindus.

No final do século dezenove, exatamente quando o movimento renascentista passou a ter grande significado para Mr. Tilak e Mrs. Basant, um novo movimento humanista se desenvolveu no estado Oriental de Bengal. O iniciador do movimento foi um simples pregador religioso, que foi imortalizado por seus discípulos mais ilustres. Embora não fôsse um sábio, Swami Ram Krishna tinha uma larga visão e pregou que, em essência, havia muito pouca diferença entre o Hinduísmo, a religião Moslem e o Cristianismo. Pregou que Deus está acima de tôdas as religiões e tôdas as pregações religiosas são, antes, auxílios para nossa auto-realização. Quando esta auto-realização se efetua, tôdas as diferenças desaparecem. Enquanto os ensinamentos de Swami Ram Krishna permaneceram num plano teórico, o espírito dinâmico de seu aluno Swami Vivekananda deu-lhes uma forma prática.

Swami Vivekananda foi um vigoroso orador; na assembléia religiosa do Parlamento das Religiões de Chicago, em 1897, êle surpreendeu a assistência ao expôr os temas principais da doutrina Hinduísta em geral, e os ensinamentos de Swami Ram Krishna, em particular.

Foi Swami Vivekananda que deu um sentido prático às idéias de assistência social de Swami Ram Krishna, principalmente nas pregações religiosas. Estabeleceu missões de assistência social, nas quais muitos devotaram suas vidas e atualmente existem 120 dêsses centros não somente na Índia, mas também fora dela, principalmente em Burma, Malasia e E.U.A. (New York, Boston, Chicago e San Francisco). Nisto, Swami Vivekananda fez para seu mestre o que são Paulo fez para Cristo.

Nas prédicas religiosas pregou a coexistência pacífica das religiões, para que pudessem manter uma atitude de respeito mútuo.

A morte de Swami Vivekananda, em 1902, com a idade de 39 anos foi uma calamidade nacional. Êle compreendeu a necessidade de unidade da Índia e, pregando-a para outros países, mostrou que ela reside na conciliação de diferentes pontos de vista. Foi o primeiro a interpretar para o Ocidente as características dinâmicas do Hinduísmo e por seu brilhantismo em oratória despertou muitos Hindus, na própria Índia, para a rica herança espiritual existente. Condenou as superstições sacerdotais e a classe hipócrita dos semi-educados, assim como aquêles que se fascinaram com as coisas do Ocidente e ignoraram o que a Índia podia oferecer. Foi o primeiro a retirar realmente a Índia do isolamento cultural em que vivia, porque antes dêle somente alguns estudiosos como Max Muller, tomaram conhecimento da herança Indiana. Este ano (1963) é o ano em que a Índia comemora seu centenário, mas o aniversário do renascimento do Humanismo Indiano será ainda celebrado. Comemora-se-á realmente o centenário em 1997, porque foi em 1897 que Swami Vivekananda pregou pela primei

na vez a ~~Carta~~ do ~~Estado~~ para o mundo Ocidental.

Politicamente, além de Vivekananda, a Índia teve dois outros humanistas de primeira linha. Algumas das características de ~~Swami~~ Chose são, indubitavelmente, humanísticas. Sri Arovinde educou-se na Inglaterra e posteriormente esteve em Baroada, onde trabalhou como vice-diretor do Baroada College, por muitos anos. Quando se iniciou o movimento, após a separação do Bengal, dirigiu-se a Calcutá. Duas vezes foi processado, mas em ambas foi absolvido. Foi na prisão que desenvolveu sua nova teoria. Estava de acordo com Swami Dayamanda que os Vedas glorificavam um Deus e, em essência, o Hinduísmo inclina-se ao monoteísmo. Afirmava que através do Yoga um indivíduo pode se concentrar a fim de alcançar um estado de comunicação com a realidade última que é Deus.

Segundo Sri Arovinde o espírito divino não é uno e nem múltiplo, mas é algo que está em todas as coisas. Neste ponto ele se aproxima bastante da filosofia de Shankara, que unia os espíritos individuais com o espírito Supremo. Devido a esta unidade essencial dos espíritos, argumenta Sri Arovinde, é possível a comunicação entre o indivíduo e a realidade última, porque os Yogas simplesmente torna aparente aquilo que existe em estado latente dentro de nós. Comente o espírito do homem não atinge a verdade porque é imperfeito. Se alguém é capaz de receber os favores do Espírito Supremo através de uma comunicação ou por meio do Yogas, pode-se então perceber a verdadeira realidade. A advertência de Sri Arovinde relativa à prática do Yogas ou concentração contém realmente tendências renascentistas, que nos faz lembrar os tempos do Kalpasutra e o período medieval Budista. O meio adotado por ele para corrigir os seres humanos foi a educação, não a do tipo tradicional, mas uma educação que levaria os alunos a abordar os problemas com um espírito de dedicação, de assistência social e assistência à comunidade; estes aspectos constituíram-se numa importante parte de seu pensamento educacional. Como Vivekananda, não preparou o aluno para um futuro incerto, mas para levar uma vida útil aqui na terra; para uma vida posterior ele pregou o que se poderia chamar de humanismo. Mesmo os elementos do renascimento presentes nesta filosofia estão muito modificados e diferentes daqueles itens com os quais parecem se assemelhar; todos tinham por objetivo uma coisa: uma Índia melhor e mais próspera, de modo que os seus habitantes possam viver felizes. Deve também ser notado que embora inicialmente Sri Arovinde estivesse ligado a movimentos políticos, quando concebeu sua nova teoria em Pondichery já havia<sup>se</sup> retirado da política e nesta teoria não existe nenhum elemento do renascimento militar.

Resumo a filosofia de Gandhi, da qual já fizemos menção, situa-se entre o humanismo e o renascimento, Tagore é que pode ser seguramente cognominado o Mestre do Humanismo Indiano.

Tagore era quase anos mais velho que Sri Arovindo e dois anos mais velho que Swami Vivekananda. A personalidade de Rabindranath Tagore se fez presente na Renascença Hindú em vários sentidos. Como poeta, e educador e reformador social. Era um poeta religioso e um poeta da natureza. Seu lirismo toca o coração. Seus poemas incluem cantos de elevada inspiração Nacional, nesses cantos pode-se descobrir a essência do que certa vez disse Abraham Lincoln: "A maldade a ninguém e o amor para todos". Sua versátil contribuição inclui não somente poemas, mas também dramas, novelas, ensaios, cantos, cartas e mesmo pinturas. Seu amor pela natureza se manifesta em todo o seu trabalho; a natureza lhe era extremamente bela não-per causa da sua beleza aparente mas devido ao sentido espiritual que pode evocar.

Tagore não foi somente um poeta e um artista, mas, também um profeta da Humanidade. Seu amor pela humanidade ultrapassou mesmo seu amor pela natureza. Num dos poemas disse que renunciaria a pretensão do céu e viveria nesta terra, porque no céu não há sofrimento e, consequentemente, não há a oportunidade de manifestar a herança divina que possuímos, isto é, a afeição mútua e a simpatia. Para êle, o Amor de Deus, o Amor da Natureza e o Amor do Homem, convergem a um ponto e se amalgamam num todo comum. Assim como o espírito, para Tagore, não era uma vaga abstração mas uma realidade concreta, do mesmo modo a Humanidade não era nada mais que uma manifestação da Divindade. Deus é infinito, mas êle se manifesta nas coisas finitas. Êle é absoluto e está presente em todas as coisas criadas.

Dirige-se a Deus de várias maneiras: algumas vezes como Mestre e outras como Protetor; como Rei e como Amigo; como Pai e como Poeta. A beleza para Tagore é a harmonia existente em todas as coisas que estão ligadas pela Lei Divina. Deus criou as belezas da Natureza simplesmente para nos ensinar as lições da harmonia.

É o amor da harmonia que fez de Tagore o pacifista por excelência, que viajou por toda a Europa e E.U.A. pregando a paciência e a bondade. Foi um dos mais conhecidos e eloquentes filântropos deste século, cujo amor pela humanidade excedeu o amor pela sua nação. Os elementos essenciais de sua filosofia são os seguintes:

- 1º) - O Universo em que vivemos é uma manifestação parcial do Espírito Infinito, ou Deus, que está presente em todas as coisas, e é algo -

mais que a soma de todas as coisas criadas.

- 2º) - A Natureza, o Homem e Deus se interrelacionam.
- 3º) - Desde que Deus é manifestação da alegria, - todos os sofrimentos são temporários.
- 4º) - A emancipação espiritual do homem reside na sua completa renúncia, a serviço do Amor, - quer seja o amor do indivíduo, da sociedade ou de Deus.
- 5º) - Os melhores benefícios da vida são desfrutados no presente, e não no futuro, quando se enfrenta um problema com sentimento de Amor.

#### 14) - QUO VADIS

Depois de sete séculos de domínio político, a Índia Hindú está desfrutando os benefícios da liberdade num estado secular. Como vimos, - este domínio por duas vezes inculcou-nos o espírito de agressão e vingança. A primeira fase do Hinduísmo militar foi o resultado do aparecimento de forças Hindúas como Marhattas, Sikhs e Rajputs, que golpearam a espinha dorsal do império Moghul. Na segunda fase, o Hinduísmo Militar alienou a população Moslem e, desta maneira, foi o responsável pela divisão política da Índia, que foi mais um resultado da mútua desconfiança e incompreensão do que da existência de um real perigo.

Infelizmente, os acontecimentos que se seguiram à divisão em vez de abrandarem, inflamaram ainda mais o espírito militarista; de certo modo este espírito, desenvolvendo um forte senso de auto-respeito, ajudou no desenvolvimento de uma força militar defensiva que, infelizmente, a Índia necessita nos tempos atuais.

Este nacionalismo militarista tem também lado negativo, por que é também agressivo. Isto não se adapta ao temperamento Indiano. - Seu aparecimento em duas ocasiões talvez tenha sido necessária, mas como a tolerância e a complacência constituem a herança principal da Índia Hindú, pode-se dizer esta fase militarista, mais cedo ou mais tarde, será superada.

Felizmente, lado a lado com o espírito militarista, subsiste a tendência humanística de auto-conservação e respeito à vida dos outros, manifestada diretamente por Mahatma Gandhi e mais diretamente por Vivekananda, Sri Aurobindo e Tagore. Este espírito induz os homens a estender as mãos a todos e coexistir em harmonia e paz. Esta mensagem não

se restringe à Índia mas se dirige ao mundo todo, que se encontra mergulhado em desconfianças e guerras-frias, ameaçando por armas nucleares e projéteis teledirigidos; é uma mensagem da qual podem se aproveitar tanto os países que pretendem conservar seu patrimônio, como aquêles que estão em vias de desenvolvimento.

A todos aquêles que cresceram sob a influência do humanismo da filosofia Hindú, que se desenvolveu independentemente do temporário militarismo nacional, saúda-se através das conhecidas palavras do humanista Tagore:

"Onde o espírito não teme e a cabeça permanece ativa,  
Onde o saber é livre,  
Onde o mundo não se divide em partes litigantes,  
Onde a corrente de idéias não se dilue nas tradições,  
Dentro dêste Céu de liberdade, Pai, deixa o meu país despertar".

Que haja a verdadeira liberdade para todos os países, uma verdadeira liberdade que não signifique apenas a ausência de perigo motivada pelo temor recíproco das armas, mas que tenha seu fundamento no desaparecimento das fontes de perigo e na confiança mútua e boa vontade. É para esta liberdade que nós desejamos que desperte não somente a Índia mas o mundo todo.

ooOoo